
OS VALORES IRRENUNCIÁVEIS SOBRE OS QUAIS DEVE GIRAR O MODELO UNIVERSITÁRIO INACIANO*

*Pe. Theodoro Paulo Severino Peters, SJ***

Introdução

A velocidade da comunicação exige uma velocidade para nossa segurança. Segurança para raciocinar bem, para nossos sentimentos, não só naturais, porém verdadeiramente humanos, para nossas ações, respostas aos desafios surpreendentes do dia-a-dia vivido, ouvido, ao vivo ou através da rede de comunicação.

Que segurança para nós é necessária? O que nos ameaça? Estamos impedidos de sair de casa? Como fazer no trânsito? Como viver na cidade? Recentemente, saudei um conhecido distraído batendo na vidraça do carro e o susto

* Palestra apresentada no Seminário “O modelo educativo universitário da Companhia de Jesús”, promovido pelo Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores, na cidade de Jalisco, México, entre os dias 16 e 18 de fevereiro de 1998.

** Pe. Theodoro Paulo Severino Peters, SJ, é padre jesuíta, reitor da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), Presidente da Fundação de Ciências Aplicadas (São Bernardo do Campo) e Presidente da AUSJAL (Associação das Universidades Confiadas à Companhia de Jesus na América Latina).

que levou foi superior à alegria que eu esperava comunicar. Não se trata de segurança de polícia, de segurança pública, de vigilância armada. Parece fundamental a segurança que nos permita viver bem com nós mesmos, viver bem com todas as pessoas, viver influenciando, modificando a maneira de viver, agir, decidir da sociedade que construímos. Segurança significa referência. Significa escolha de valores para decisões acertadas nos diversos prazos — curto, médio, longo. Valores que, institucionalizando nossa atitude, nos libertam, impulsionando nossa energia e vitalidade para o melhor a ser desenvolvido, buscado, construído. O bom senso logo nos indica que não está em si o centro de referência, de decisão. Nosso projeto ultrapassa cada um de nós. A mitologia grega já desnudou, no mito de Narciso, o absurdo de tornar-se o centro de si mesmo, de fechar-se encerrando-se ao universo, ao sistema da vida, ao ecossistema social humano.

Nossa Universidade carrega uma marca preciosa. Traz o selo de Inácio de Loyola, um nobre cavaleiro da Idade Média. Um homem que se sentia atualizado em seu meio até que perdeu uma batalha ferozmente travada na defesa da Fortaleza de Pamplona. A história é conhecida de todos: ferido gravemente, entre a vida e a morte, cirurgias safadas, dolorosas, febres, longa convalescença e percepção de que os bailes, os duelos, as lutas em que se distinguira sempre eram relativos. Passa por uma transformação e deseja comunicar sua experiência para ajudar aos demais, que passam despercebidos pela existência. Inácio era ilustrado, sabia ler, escrever, caprichar com tinta de duas cores. Foi assim que, numa erma gruta em Manresa, olhando do alto da montanha um riozinho, o Cardoner, hoje tão poluído como os nossos, anotou suas “ilustrações”. Para Inácio era convicção ser Deus quem o instruíra como um mestre-escola instrui, ilustra seu discípulo. Pois bem, Inácio expressa uma de suas percepções e experiências imaginando Deus Trindade, do Alto do Céu, contemplando a humanidade em todo o globo terrestre. Para Inácio, Deus percebe a globalização do mal. Como se as Três Pessoas divinas estivessem hoje lendo o Jornal local, nacional, internacional, assistindo à televisão, consultando Internet e focalizando que, entre tanta coisa boa que acontece quase que ocultamente na vida das pessoas, em contrapartida, acontecia tanta desgraça, tantas mortes violentas, tantas pessoas cujo sentido de vida parecia esgotar-se na própria atividade de viver, alimentar-se, sustentar-se, sem maiores referências: uns saciadíssimos doentes de tanto comer, outros morrendo miseravelmente depauperados pelo impaludismo, pela fome, pelas epidemias, guerras, estupros, abortos, torturas, prepotências, enfim, toda a gama

de pecados pessoais e sociais. As pessoas divinas, analisando a conjuntura humana, inflamam-se de misericórdia solidária e decidem que a humanidade não poderia continuar à deriva, sem rumo nem prumo. Decidem a Encarnação do Filho e para isso escolhem, preservam Maria de Nazaré, que receberá o convite para conceber do Espírito Santo. Inicia-se a concretização da promessa de Salvação gestada na História Humana. Deus vem ao encontro da humanidade, que o desejava como referência. Deus se identifica: Caminho, Verdade, Vida. Deus se situa em Nazaré. Seu nome, Jesus Salvador, “veio para os seus para dar-lhes o dom de se tornarem filhos de Deus”. Inácio apresenta sua experiência e nos convoca para fazermos a nossa experiência do Amor solícito de nosso Deus. Para Inácio, o Evangelho de Jesus tornou-se referência de sua segurança. Para que pudesse apresentá-lo com autoridade, cursou a Universidade de Paris, diplomou-se com o título de mestrado, para poder ensinar o que lhe fora ensinado, o que descobrira depois de muito andar e pesquisar. Descobriu um caminho seguro, referente para Deus. Descobriu como fazer Deus feliz, como ajudar a Deus. Descobriu que ficou feliz. Demonstrou que Deus nos chama para a felicidade, porque nos quer felizes, autores com Ele de nossa Felicidade.

Ser feliz, realizar nossa Felicidade é nossa vocação profunda, é o que desejamos realizar, sem nos determos em miragens, em aparências que nos afastam deste rumo. As balizas que necessitamos para nosso caminho seguro e referenciado são os valores. Os valores são construídos para defesa do que merece ser considerado, defendido, propagado. Se nossos valores forem coincidentes com a vocação humana, profunda, não entraremos em contradição, não contrariaremos nossa coerência. Diante do debate sobre o aborto, o que está em questão? Diante da contradição do sistema carcerário, o que está em questão? Por que a violência nos magoa tanto e quiçá para sempre? Como perceber que a vida continua com uma qualidade nova a ser continuamente construída? O que comunicar às pessoas que esperam uma reflexão séria, comprometida, engajada, articulada, politicamente correta? Como e por que escutar, em profundidade, tantas pessoas sofrendo? Por que cada ser humano, independentemente de suas atitudes e feitos, deve ser tratado com igual dignidade a que faz jus? Até quando é controlado para que se detenha a violência contra indefesos? Até quando é julgado, condenado, sentenciado? Como se pode perceber, há longos caminhos a serem trilhados. É importante que se reflita, que se debata, que se publique sobre os valores adequados ao desenvolvimento de uma sociedade a serviço da Vida e da Esperança.

Como percebem, há muitas implicações no trabalho que hoje iniciamos. Muitos temas são polêmicos em si. Outros carregam um forte componente de sensibilidade e emoção. Alguns acarretam traumas para a vida afora. No entanto, qualquer que seja a situação, o desespero impede uma solução possível. O ideal é que nada de ruim suceda. Que o Bem se instale naturalmente, sobretudo quando se percebe, por experiência, que até a fraternidade em família começa com a renúncia a algum capricho. A chegada de outra criança obriga a primeira a ceder espaço, a acolher, a dividir, a colaborar. Compete à atilada observação familiar endossar atitudes futuramente consolidadas como valores que valem pela felicidade gerada e consolidada.

O nosso Projeto Pedagógico quer olhar a situação conjuntural, propõe refletir sobre o que se acha e por que, para descobrir o que deve ser feito em vista do bem de cada pessoa e do bem comum a toda pessoa. Por isso a experiência eclesial é bem-vinda, a linha pedagógica comprovada de Inácio, o globalizador do século 16, e a emulação com outras Instituições em nossa ingente tarefa.

Proponho destacar cinco valores, sem negar que haja outros igualmente irrenunciáveis: **humanismo**, “**cura personalis**”, **busca da melhor qualidade**, **fidelidade à Igreja**, **serviço da fé e promoção da justiça**.

1. Humanismo

Por humanismo entendemos, aqui, uma formação humana integral. O ideal de homem, segundo o humanismo cristão, abrange a formação do caráter, sólidos princípios éticos, virtudes como a magnanimidade, a fortaleza, o domínio próprio. Trata-se de *educar*, e não apenas de ensinar — ou melhor, de estimular a pessoa humana, o homem e a mulher para que se eduquem, para que desenvolvam suas capacidades, talentos, até à plena realização humana. Para que tudo neles se desenvolva: corpo e alma, razão e sensibilidade, pensamento e expressão pela palavra, vida interior e vida social, culto à verdade, ao bem e à beleza. A magnanimidade não é a megalomania, mas a capacidade de pensar e de realizar grandes coisas, de não se afogar no pequeno e mesquinho, nos preconceitos do meio que nos cerca, mas ter um espírito crítico, que saiba ver além e ver longe. As virtudes naturais da prudência, justiça, temperança e fortaleza são legados perenes do

humanismo greco-romano e a graça de Cristo, em vez de destruí-las, ainda as reforça com os dons do Espírito Santo. A *ratio studiorum* e a prática dos Colégios da Companhia antiga explicitam esse nobre ideal humano, que tinha em sua base um desenvolvimento vigoroso da inteligência, da racionalidade, da capacidade de julgar e de pensar por si mesmo; de ter espírito crítico, diríamos hoje, e criatividade. Mas, além da razão, cultivavam-se as belas artes, — o contato com a beleza e com a criação artística era visto como um caminho para Deus, ou melhor, como um atalho, feito de intuições e de nobres sentimentos.

Essa abertura a tudo o que é humano, a exclusão de qualquer unilateralismo ou da especialização exclusiva são muito atuais em nossos dias, em que o homem unilateral denunciado por Marcuse está em moda, e a mentalidade tecnocrática e economicista domina em nosso mundo capitalista e globalizado.

Relembro que uma Universidade é formada por pessoas humanas, para apoiar a formação de pessoas humanas. Analogamente à pessoa humana, a Instituição Universitária se constrói com argumentos consistentes, o primado da Razão. No entanto, o ser humano não é só razão. A razão pode equivocar-se e desviar-se na busca da verdade, do essencial. Pode ofuscar-se pelo caminho e relativizar o ideal. Intelectuais se submeteram ao nazismo, colocaram seus cérebros, suas especialidades científicas a serviço de um regime intrinsecamente mau, por isso mesmo opressor e violentador do direito à vida plenamente humana. A universidade se constrói, também, com sentimento, com paixão, com sensibilidade para apreciar o Bem, o Belo, a arte de viver. A sensibilidade lhe permite fazer opções, estabelecer prioridades, inclusive no campo de projetos de pesquisa. O que oferece maiores benefícios ao maior conjunto da sociedade, aos mais excluídos do exercício da cidadania. Como o ser humano, a Universidade se edifica igualmente em ações, desenvolvendo projetos, expectativas, sonhos, almejos. Trata-se da vontade que torna realidade a utopia, a inspiração, o projetado.

2. A “Cura personalis” como método

Eis um princípio que deriva diretamente dos *Exercícios* para a pedagogia inaciana. Todo o método dos exercícios consiste na adaptação cuidadosa e minuciosa a cada exercitante, pois a vida espiritual é vivida pessoal e intransferivelmente segundo cada liberdade humana, desenvol-

vendo seu ritmo, com as luzes que recebe do alto, ou que o Espírito infunde em seu coração. O Diretor de exercícios tem de respeitar esse Mestre interior, e, em função dos movimentos de cada alma, exercer sua ação de padre espiritual.

A ação pedagógica dos jesuítas veio depois; e como método de lidar com as pessoas, ou de orientá-las, o que possuíam eram esses princípios da Direção espiritual, e os jesuítas os transferiram para a prática pedagógica com o maior êxito. Adaptar o ensino a cada aluno; formar sua personalidade atendendo suas idiossincrasias e seus ritmos próprios; fazer a avaliação levando em conta todas as peculiaridades de cada educando. Nada mais contrário à pedagogia inaciana que a “educação” massificada, como a instrução dos militares.

É um grande desafio aplicar em nossos Colégios e Universidades, de milhares de alunos, essa personalização da atividade educativa. Mas urge encontrar um caminho, pela simples razão de que a educação, ou é personalizada, ou não é inaciana.

3. A busca da melhor qualidade

Outro princípio, também transposto diretamente dos Exercícios para a pedagogia, foi o **magis**: esse imperativo de fazer sempre o melhor possível, de dar o melhor de si mesmo, significava na educação fazer Colégios e Universidades de qualidade, esforçar-se por superar toda a mediocridade, em busca da excelência em tudo. E os jesuítas da antiga Companhia o conseguiram: temos o testemunho de Descartes, esse gênio da filosofia e da matemática, dizendo ter tido no Colégio jesuíta de *La Flèche* um ensino tão bom como os das melhores Universidades da época. É claro que as Universidades da Companhia não são todas iguais em excelência: há os fatores locais que podem impor severas limitações a seus ideais; mas se for uma universidade identificada com o espírito da Companhia, estará nela presente o esforço de superar-se, de fazer sempre mais, de atingir uma qualidade digna das tradições magnânimas da Companhia de Jesus.

É imensa a tarefa que cabe às Instituições Universitárias em geral e às nossas de participar positivamente nesta conjuntura, para construir, coletiva e consensualmente, a Instituição com que a Comunidade Universitária sonha, à qual aspira, deseja e concretizará, etapa por etapa. A contemplação da utopia, do ideal ultrapassador da realidade entusi-

asma, desafiando e convidando a discernir entre tantos passos a serem confirmados, inovados ou modificados. Pois as aspirações, as expectativas são indícios sinalizando caminhos novos, não trilhados ou já iniciados, para a busca da plena realização pessoal e comunitária dos participantes da grande paixão de contribuir, com o melhor de si e de sua equipe de serviço, para a melhor qualidade da Universidade.

A história vivida é promessa de maior compromisso na formação da juventude, na transformação da realidade social, no desenvolvimento de recursos humanos de qualidade para uma nova face regional no contexto nacional, na contribuição para uma melhor e maior abertura na repartição da renda, dos bens e serviços em prol de nossa população, na busca de novos métodos de abordagem para a solução de antigos e crônicos problemas sociais, políticos e econômicos. A Universidade trabalha a cultura na qual se insere, da qual emerge e a influencia, apoiando o afloramento do melhor da humanidade da qual é portadora. A Universidade é fiel à sua região, é parte integrante, ao mesmo tempo que abrange a universalidade do saber e do método científico e rigoroso da investigação do saber emergente ou já acumulado, inovando, desmistificando temores arraigados, racionalizando, libertando pela pesquisa iluminada pela busca da verdade.

Esclarece-se cada vez mais nosso processo de avaliação institucional, levando a universidade a conhecer-se cada vez mais e melhor, a detectar os estágios percorridos e buscar as estratégias que mais conduzam ao serviço que se propõe realizar. A avaliação situa-se como atitude de vida institucional, científica, metodológica, coerente com o proceder da humanidade. A dificuldade, a lacuna e a falha percebidas devem ser superadas. Como proceder? Eis a questão a ser colocada, sucessivamente. Atitude coerente com o agir humano e que, por isso mesmo, encontra raízes profundas na mensagem cristã de recomeçar a vida em sintonia com o projeto criacional e redentor divinamente anunciado, testemunhado na palavra, na vida, sofrimento, paixão, ressurreição de Jesus e no dom do Espírito de santidade, que recorda, memoriza, inspira a sintonia contínua no caminhar de cada pessoa no seio de toda cultura. Antes do anúncio formal da mensagem cristã, a atividade de Deus está presente em toda cultura, por mais diversificada e especializada que seja. Deus Criador sintoniza com o ser Humano sua Imagem querida, sua Seme-lhança planejada. O plano de Deus é realidade a ser lida no meio ambiente humano, é realidade a ser tida em conta no desenvolvimento

sustentado, equilibrando bem-estar ecológico com progresso científico e tecnológico.

Considerando que muitos estudantes ainda são adolescentes, fica a hesitação de como orientá-los sem condicionamento econômico forte, em consonância com os valores que queremos favorecer. Por exemplo: formar um cidadão, uma cidadã capaz de, conhecendo profundamente a realidade, julgar a situação e assumir, com liberdade e inteligência, as melhores opções. Na avaliação da aprendizagem, é feita a distinção entre a avaliação como meio e como fim em si. Para mim é um meio, para atingir a finalidade proposta pela Universidade. A avaliação é um processo vital. Faz parte da história humana. Tempos atrás, séculos, ou milênios, uma pessoa, ao andar distraída pela terra gelada, escorregou, levou um tombo, fraturou algum osso, descobrindo que a água gelada da superfície do lago ou do rio era perigosa. Certamente essa pessoa do tempo das cavernas ficou atrapalhada, enferma, encurtando a vida com o acidente. A percepção da causa, a comunicação da experiência criam nova atitude, novo procedimento, para dominar a ameaça. Pouco a pouco, o gelo dominado permite patinar, praticar alpinismo, favorecer o lazer, conservar alimentos; graças à avaliação, foi colocado a serviço da vida. A avaliação é uma atitude de vida: acompanha nossas ações, nossos pensamentos, nossos sentimentos, nossas instituições. Em conversa informal sobre como transmitir o conceito de avaliação, sugeri que, em sala de aula, se perguntasse a uma menina: por que você está com uma roupa tão bonita? Como conseguiu? Responderá: que pesquisou, imaginou, comparou, escolheu, decidiu. Assim nos saímos no dia a dia de nossa vida. Agora mesmo pesquisamos, comparamos, escolhemos como desenvolveremos um processo didático, científico, metodológico, contínuo.

Para ilustrar, contarei a história de um hindu. “Havia um monge antigo e um noviço recém-entrado para a escola monacal que lhe perguntou: por que entram tantos para serem monges e perseveram tão poucos? A resposta do ancião foi a seguinte: você já reparou que, quando um cachorro vê uma lebre ou um coelho, sai correndo atrás para persegui-lo? O coelho é mais ágil, corre mais rapidamente, desvia-se de um lado para o outro e o cachorro segue correndo atrás, corre latindo, fazendo tanto alarde a ponto de outros cachorros que estavam dormindo acordarem com os latidos e começarem a latir também. Entre latir um e responder outros, percebem que existe alguma novidade e saem

correndo atrás também, mas não conseguem continuar, praticamente só o que viu a presa é que continua até o fim; os outros vão-se cansando pelo caminho, vão voltando, distraíndo-se.” (citado livremente de Antony de Melo sj).

Tenho a convicção de que a qualidade para nós é assim. Quem percebe ser uma vocação humana prossegue a busca dos meios.

4. Fidelidade à Igreja de Cristo

Para S. Inácio, amar e servir a Igreja era amar e servir a Cristo ; ela era a presença de Cristo na História, e a vida humana não tinha sentido fora do plano de Deus, a saber: *recapitular todo o universo em Cristo*. Assim, para ele, a atividade pedagógica dos jesuítas não teria sentido se não formasse cristãos verdadeiros. A formação religiosa era o ponto alto de toda a educação. A tanto contribuía o exemplo dos educadores, o conteúdo dos currículos, onde os valores religiosos estavam presentes em toda a parte: as famosas Academias e Congregações Marianas. Em nossa sociedade pluralista, em que Colégios e Universidades têm alunos e professores de vários credos ou mesmo sem crença alguma, é bem mais difícil satisfazer a essa exigência inaciana. Mas sem a característica da fidelidade a Cristo e a sua Igreja, nossas Instituições serão tudo, menos inacianas. Excelência acadêmica, prestígio social, qualquer Instituição pagã pode ter; e é evidente que ser uma fundação e um patrimônio dos jesuítas pode nos dar um rótulo ou etiqueta, mas não a natureza de uma universidade inaciana. O Documento da AUSJAL para a América Latina, e em nossa Universidade Católica de Pernambuco, sua *Carta de Princípios*, e seu *Projeto Pedagógico* em elaboração, destinam-se sobretudo a encontrar caminhos para que nossas Universidades sejam realmente inacianas, e fiéis a Cristo e à sua Igreja.

O curioso é que, sendo uma elaboração coletiva, ajudaram a redigir nossos Documentos professores de outras confissões e até ateus ; o que mostra ser possível, na mais ampla abertura ecumênica, procurar nossa identidade inaciana.

No entanto, a Universidade de inspiração cristã ou católica se enraíza na tradição da Igreja Católica, está em diálogo com todas as confissões religiosas, buscando o ponto que nos une a crença num único Deus Criador e o serviço à sociedade, privilegiando os mais carentes. Proclama dois mil anos de presença na história, na cultura, na constru-

ção da sociedade para a humanidade, em seu percurso histórico em busca do Reino. História de luzes e sombras humanas, mas história vivida, testemunhada, sofrida e construtora da educação e formação humanas. São dois mil anos de testemunho do Evangelho da Vida de Jesus. Daí ser muitas vezes difícil explicar como uma universidade comunitária necessita a contrapartida de seus usuários na prestação de serviços. O direito não privilegia até agora outros segmentos além dos estatal e privado. Com isso, juridicamente, a Universidade de inspiração cristã e suas parceiras católicas e comunitárias estão no segmento privado, mas distinguem-se, por meio de associação própria, do segmento privado ou particular propriamente dito. E uma instituição comunitária não tem dono, não pode ser terminada. Está com a marca da confissão de fé católica, com o carisma apostólico de Jesus, com o zelo e o selo da Santa Madre Igreja. É uma comunidade imensa, universal, sem prazo no tempo humano. Distingue-se de uma outra instituição educacional que pertença a um grupo que possa começar ou terminar ou até mesmo fazer especulação. O tecido do seu orçamento não é flexível, nem elástico.

Para concretizar, eu me permito fazer uma referência do Jornal Folha de São Paulo, dia 19, domingo, de janeiro de 1997), uma entrevista do Ariano Suassuna falando acerca do catolicismo: “Fui educado num colégio protestante porque mamãe era protestante, mas eu nunca fui. Na adolescência, passei por uma fase em que eu não queria negócio com religião nenhuma. Depois achei que tinha que me responder se Deus existia. Recebi a influência de duas grandes figuras, que não eram católicas, mas eram próximas. Dostoiévski era cristão, mas não católico. O outro era Unamuno, o grande pensador espanhol, que era um católico, digamos, heterodoxo. Eu li uma frase de Dostoiévski que me impressionou profundamente. É dos *Irmãos Karamozov*. Diz: ‘se Deus não existe, tudo é permitido’. Foi um choque. Quando li foi um choque, porque eu vi que era verdade. Se não existe regra moral indiscutível, emanada de uma coisa superior, tudo é permitido. Você resolve dizer que matar criança é legítimo. Aí eu digo, ‘mas meu amigo, é repugnante’. Você diz, ‘mas a mim não parece’. Se não existir uma regra absoluta que diga que está errado, tudo é permitido. Dostoiévski tem toda razão. A frase dele é definitiva. Aí eu digo, ‘bom, então eu vou ver se Deus existe’. Como não aceitava que tudo fosse permitido, eu digo, ‘então tem um limite’. Foi o começo da minha adesão ao catolicismo.”

5. Serviço da Fé e promoção da Justiça

A palavra de ordem com que a Companhia expressa sua missão em nossos dias — “*serviço da Fé e promoção da Justiça*” — deve guiar também nossas Universidades. Trata-se de “*valores irrenunciáveis*”, ou seja, renunciar a eles seria renunciar ao “modelo universitário de inspiração inaciana”.

Há um **serviço da fé** que as Universidades católicas exercem pelo próprio fato de existirem. Atestam com isso que a Fé não teme as ciências, nem as contradiz, pois as cultiva. “*Deus scientiarum Dominus*”, dizia a famosa carta pontifícia. Mas há muito mais. Com a visibilidade que têm, em nossas sociedades, os Centros universitários, a Igreja ocupa, por suas Universidades, um lugar privilegiado para conhecer a cultura contemporânea e dialogar com ela. As Universidades têm a vocação do diálogo, interdisciplinar e interdepartamental, e daí é só um passo para o diálogo entre a fé e as ciências, entre a religião e os ateísmos contemporâneos. Há, enfim, as Faculdades de Teologia, lugar em que se cultiva a “*Ciência sagrada*”, o que é um grande serviço para a Fé, e para seu entendimento. “*Fides quaerens intellectum; Intellectus quaerens fidem*”. Poderíamos acrescentar o que foi dito acima, em que se considerou a educação inaciana como fidelidade à Igreja, Mãe e Mestra de nossa Fé.

Sobre a **promoção da justiça**, o Documento da Ausjal é bastante explícito e desenvolvido. Então, em nosso continente, onde reinam a injustiça social, a exclusão e a opressão dos pobres de forma tão cruel, seria impossível renunciar à promoção da justiça. Há mil formas e modalidades de promovê-la, de motivar alunos e professores na luta pela justiça em nossas sociedades tão desiguais. Mas uma das formas — que me parece mais propriamente universitária — é estudar nossos problemas e distorções e pesquisar alternativas, como essa pesquisa abrangente que as Universidades da Ausjal estão realizando sobre *As causas da Pobreza na América Latina e suas possíveis soluções*. E assim, para sermos práticos, e não ficarmos apenas nos *valores irrenunciáveis*, que têm algo de transcendental kantiano, ou “condições de possibilidade” para uma Universidade ser inaciana, gostaria de terminar com algo prático: um apelo a nossas Universidades para darem todo o apoio a essa pesquisa que corresponde tão bem a um esforço conjunto de promoção da justiça na América Latina.